

“O FUTURO QUE QUEREMOS”: APRENDENDO COM AS EXPERIÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DAS CRIANÇAS.

As crianças sofrem muito com o impacto provocado pelos seres humanos no meio ambiente e por causa da mudança climática. Não apenas por serem crianças e pelo estágio de desenvolvimento, mas devido ao fato de que há mais crianças vivendo em situação de pobreza do que indivíduos de outras faixas etárias. As súbitas e imprevisíveis alterações climáticas – como secas e enchentes – além do aumento da poluição, da falta de acesso ao saneamento básico e a outros serviços de utilidade pública, juntamente com a instabilidade econômica global estão prejudicando o desenvolvimento da saúde das crianças e reforçando o ciclo de pobreza.

Sabe-se que os lares mais pobres sofrem muito mais com as pressões ambientais e possuem menos recursos para suportá-las. Este resumo de políticas examina a relação das crianças com o meio ambiente de três maneiras: analisa o impacto dos choques, principalmente os ambientais; explica os efeitos da insegurança na provisão de alimentos na vida das crianças; e detalha o relacionamento das crianças com o meio ambiente onde habitam. Este documento usa dados quantitativos e qualitativos de quatro países (Peru, Etiópia, Índia e Vietnã) para mostrar a vulnerabilidade das crianças provocada pela insegurança ambiental, além de destacar as esperanças e preocupações das crianças com o futuro.

PRINCIPAIS RESULTADOS:

- Choques, insegurança na provisão de alimentos e más condições habitacionais acarretam em consequências de longo prazo no desenvolvimento físico e cognitivo das crianças. As políticas que reduzem o efeitos desses problemas ou que ajudam as famílias e comunidades a aumentar a resiliência trarão mais benefícios para as crianças.
- Os choques são uma experiência comum na vida das crianças pobres, uma vez que eles afetam os lares mais pobres e as populações rurais com mais gravidade. Na Etiópia, os lares mais pobres têm probabilidade seis vezes maior de serem afetados por secas, do que os menos pobres. A garantia de que o crescimento econômico beneficie os pobres e as famílias rurais têm o potencial de aumentar os recursos e a resiliência das comunidades, podendo amenizar o impacto dos choques frequentes nas famílias e crianças pobres.

- As famílias mais pobres correm mais risco de sofrer com a insegurança alimentar, um fator exacerbado pelo aumento no preço dos alimentos e pelos choques ambientais. Os lares mais pobres gastam um percentual mais alto da renda com alimentos, do que os lares mais afluentes, fazendo com que sofram mais com a inflação do preço dos alimentos. A falta de alimentos traz sérias consequências na saúde das famílias e prejudica o desenvolvimento das crianças. Isso levanta sérias questões em relação ao custo dos alimentos e a capacidade das famílias de terem acesso a uma dieta nutritiva.
- O desenvolvimento e o bem-estar das crianças são influenciados pela qualidade da moradia e pelo acesso aos serviços de utilidade pública. Nas áreas urbanas, as crianças preocupam-se com a falta de saneamento, com o aumento da poluição, com a ameaça da violência e do crime, além do aumento da desigualdade econômica e social entre os lares mais ricos e mais pobres. Neste mundo em crescente urbanização, o desenvolvimento sustentável é uma preocupação urbana e rural.
- O crescente interesse na proteção social demonstra o papel vital que as políticas desempenham na criação da resiliência e na ajuda prestada aos lares mais pobres para que enfrentem os choques. Há muitos exemplos positivos de programas de proteção às crianças mais vulneráveis. A proteção de curto prazo contra choques poderá acarretar em benefícios de longo prazo no desenvolvimento e bem-estar das crianças. O aumento da abrangência de programas ajuda a administrar os choques idiossincráticos e covariantes, além de dar sustentação ao potencial de educação e saúde no apoio ao desenvolvimento saudável das crianças.

INTRODUÇÃO

Há vinte anos, a Agenda 21 da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED) reconheceu que jovens e crianças “trazem perspectivas únicas” na informação sobre o desenvolvimento econômico, social e a proteção ao meio ambiente, principalmente em função a alta vulnerabilidade “aos efeitos da degradação ambiental”.ⁱ Em junho de 2012, os líderes mundiais se reunirão novamente na Rio+20 Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (UNCSD). Houve progressos no período entre as conferências em cada um “dos três pilares de desenvolvimento sustentável – econômico, social e ambiental”. Entretanto, “várias crises relacionadas”, inclusive a crise econômica global, a volatilidade dos preços dos alimentos e da energia, a insegurança na provisão de alimentos, a mudança climática e a perda da biodiversidade “tiveram efeitos adversos nos ganhos do desenvolvimento”.ⁱⁱ Na Etiópia, entre 2006 e 2009, mais da metade dos lares comunicaram dois ou três choques ou eventos adversos adicionais (como secas, enchentes, aumento no preço dos alimentos ou doenças na família).ⁱⁱⁱ A compreensão de como as crianças vivem a experiência dos choques e dos efeitos adversos é um elemento integral do desenvolvimento de estratégias de desenvolvimento sustentável.

Este artigo explora, resumidamente, os impactos dos choques nas crianças, enfatizando as experiências pessoais das crianças, seja em situações de choque ambiental (como secas ou enchentes), insegurança na provisão de alimentos (geralmente associada aos choques ambientais) e na qualidade da moradia. A conclusão é que os lares mais pobres são mais afetados por choques do que os lares mais ricos, esses lares localizam-se em áreas com serviços de pior qualidade e possuem menos recursos para suportar múltiplas crises.

Este artigo baseou-se em três séries de dados de pesquisa e em entrevistas em profundidade com crianças e seus responsáveis^{iv} na Etiópia, na Índia (Estado de Andhra Pradesh), no Peru e no Vietnã. As entrevistas fizeram parte da pesquisa internacional “Vidas dos Jovens”, um estudo sobre pobreza infantil. A pesquisa “Vidas dos Jovens” (“*Young Lives*”, título em inglês) vêm acompanhando dois grupos de adolescentes maiores de 15 anos, em cada um desses países. No total, são 2.000 crianças nascidas entre 2000-01 (o grupo mais jovem) e 1.000 crianças nascidas entre 1994-95 (o grupo mais

velho.^v Os dados qualitativos foram coletados de um grupo pequeno de aproximadamente 50 crianças de cada país. Todos os nomes usados são pseudônimos. O estudo se concentra nas crianças mais pobres e, portanto, não visa a representação por nacionalidade.

De agora em diante, discutiremos os principais resultados da pesquisa “Vidas dos Jovens”, ressaltando as principais implicações para os legisladores. Na segunda parte, discutiremos a experiência dos choques nas crianças e nos lares. Na terceira parte, consideraremos a insegurança da provisão dos alimentos. Na quarta parte, discutiremos o impacto dos choques no desenvolvimento e bem-estar de longo prazo das crianças. Na quinta parte, discutiremos as moradias e, em seguida, a experiência do sofrimento de várias crises nos lares. Por fim, destacaremos as implicações das principais políticas.

OS CHOQUES AMBIENTAIS SÃO UM FATO COMUM, PRINCIPALMENTE PARA AS CRIANÇAS MAIS POBRES

Todos os quatro países estudados na pesquisa “Vidas dos Jovens” testemunharam um forte crescimento econômico e reduções nos níveis absolutos de pobreza, refletindo as tendências comuns de outros países de baixa e média renda. Embora os níveis de consumo estejam crescendo dentre a maioria dos grupos na sociedade, os que já possuem alto poder de compra tendem a se beneficiar. Entre 2006 e 2009, o aumento da renda do maior decil de consumo por residência em Andhra Pradesh, na Índia, foi 4,4 vezes superior ao aumento obtido pelo decil mais pobre.^{vi} É com base nesse cenário de pobreza persistente que as famílias e as crianças sofrem com os choques recorrentes.

A Tabela I mostra o percentual de residências urbanas e rurais que comunicaram choques econômicos, ambientais e casos de doença na família, entre 2006 e 2009. Dentre os choques econômicos, há o aumento nos preços dos insumos, a redução no preço da produção, a morte dos animais de criação e a perda da renda. Dentre os choques ambientais, há secas, enchentes, erosão do solo, geadas e pragas. Dentre os choques de saúde, há a doença do pai, da mãe ou de outro membro da família da criança.

Tabela I: Percentual do grupo mais velho da pesquisa “Vidas dos Jovens”, residente em áreas urbanas e rurais, afetado por choques entre 2006 e 2009.

		Choques econômicos	Choques ambientais	Choques de saúde
Etiópia	Urbano	39,5	14,6	45,2
	Rural	75,4	71,6	44,6
Andhra Pradesh (Índia)	Urbano	5,2	6,6	24,3
	Rural	24,3	51,1	33,7
Peru	Urbano	14,6	13,1	21,6
	Rural	22,0	52,2	19,5
Vietnã	Urbano	27,5	10,3	32,8
	Rural	33,0	42,2	28,4

A Tabela I exemplifica como os choques ambientais concentram-se nas áreas rurais, onde os lares mais pobres dependem da agricultura de subsistência. Os choques ambientais – como secas e enchentes – afetaram uma grande proporção dos lares, principalmente na Etiópia e no Vietnã. As crianças e seus responsáveis refletiram sobre como os padrões climáticos e as condições do tempo colocam pressão na vida dessas famílias:

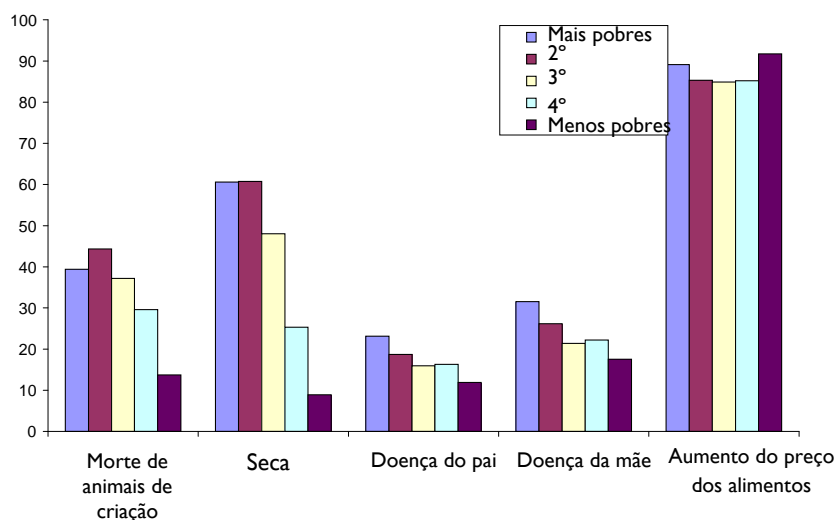
“Sempre tivemos comida de reserva no celeiro. Sempre houve boas pastagens para os animais. Mas, hoje em dia, a falta de chuva é frequente e só temos alguns rios confiáveis”.
(Cuidador, residente em uma área rural da Etiópia)

Juntamente com os choques ambientais, os choques econômicos – como flutuações no preço dos alimentos, aumento no preço dos insumos e redução no preço da produção (choque econômico) – afetam áreas urbanas e rurais. Contudo, na Etiópia e em Andhra Pradesh, por exemplo, a incidência é muito maior nas áreas rurais. Casos de doença são melhor distribuídos entre as áreas rurais e urbanas.

A ocorrência simultânea de um choque ambiental, econômico e de saúde é exemplificado pela família de Kassaye. Kassaye tem 14 anos e mora na região rural de Amhara, na Etiópia. O pai dele quebrou a perna e não trabalhou por seis meses. Como era a temporada de plantio das sementes, o lar não tinha mão-de-obra suficiente e a colheita não vingou. Por isso, a família passou fome. A mãe de Kassaye disse: “Comíamos 50 quilos de cereal em três semanas. Agora, reduzimos o consumo, comendo a mesma quantidade em um mês”. A família não teve condição de vender animais de criação devido à redução do preço dos carneiros e de outros animais. Por isso, Kassaye explicou que: “Por causa da falta de alimento, eu vou para a escola com fome. Não consigo prestar atenção na aula se estou com fome e isso afeta meu aprendizado”.

O nível e o tipo de choque difere de acordo com a situação econômica da residência. O Gráfico I mostra que, embora o choque econômico afete todos os lares do espectro de riqueza, os choques ambientais concentram-se nos lares mais pobres. Essa situação levanta questões preocupantes em relação aos meios nos quais o tipo de choque pode consolidar a pobreza e as desigualdades existentes. As medidas adequadas de proteção, específicas ao contexto, que beneficiam as populações mais pobres são essenciais para fomentar o crescimento econômico e transformá-lo em desenvolvimento social para atenuar o impacto dos choques frequentes nos lares pobres.

Gráfico I: Percentual dos lares participantes da pesquisa “Vidas dos Jovens”, na Etiópia, afetado por choques entre 2006 e 2009, por quintil de riqueza

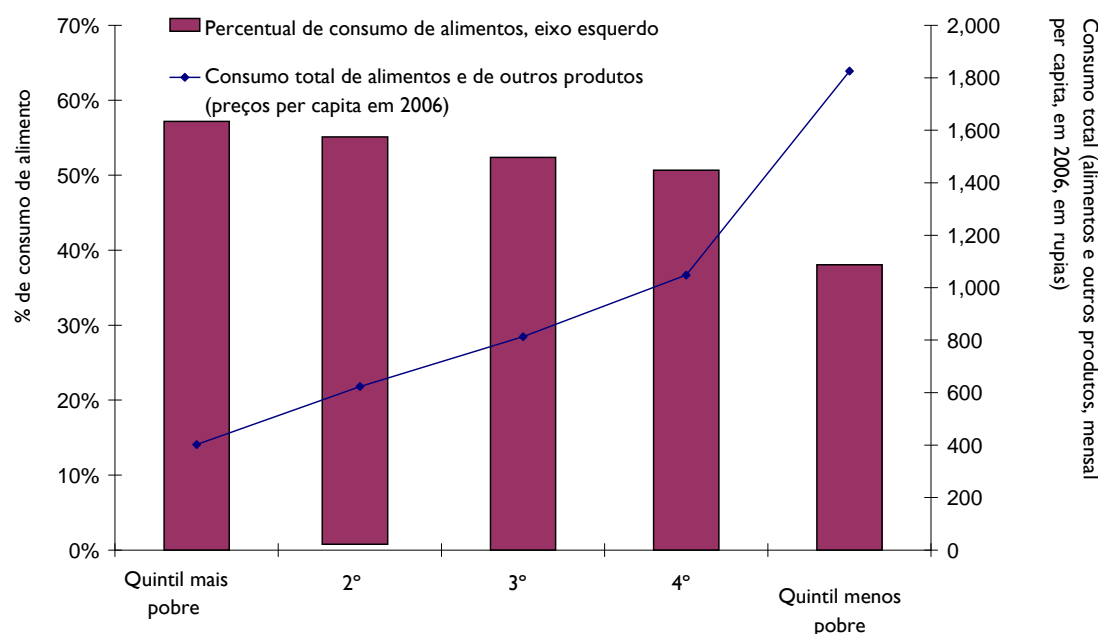


AS FAMÍLIAS MAIS POBRES CORREM MAIOR RISCO DE SOFRER DE INSEGURANÇA NA PROVISÃO DE ALIMENTOS

A alimentação é um gasto relativamente fixo e substancial do lar. Se os recursos inadequados ou a inflação no preço dos alimentos forçar a redução na quantidade de alimentos consumidos pelos lares – como no exemplo da família de Kassaye – as consequências na saúde e no desenvolvimento das crianças podem ser graves. Entre 2006 e 2009, houve um crescimento de 20% nos choques econômicos na Etiópia e de 39% no Vietnã. Houve um pequeno aumento em Andhra Pradesh e uma pequena redução no Peru (talvez devido ao alto nível de desigualdade no Peru, por isso, apenas um pequeno percentual da população foi afetada. Considerando que os respondentes não necessariamente representam as amostras nacionais, talvez esse resultado não seja equivalente à experiência nacional concomitante).

Em 2009, perguntamos aos lares se houve aumento no preço dos alimentos durante os três anos anteriores. Dentre o grupo de crianças mais jovens, uma em três no Vietnã, praticamente quatro em cinco em Andhra Pradesh e nove em dez na Etiópia residiam em lares que comunicaram aumento no preço dos alimentos desde 2006. Embora todas as residências tenham comunicado aumento no preço dos alimentos, os lares mais pobres são os mais vulneráveis, conforme exemplificado no Gráfico 2. Os lares em Andhra Pradesh foram agrupados em quintis (um quinto da amostra, classificado pelo nível de gasto). O gráfico mostra o nível médio de despesa (em todos os itens) no eixo direito e as barras representam o percentual de despesa familiar em comparação com o eixo esquerdo. A alimentação é uma prioridade para as famílias, absorvendo grande parte da renda familiar. É difícil reduzir os gastos sem sofrer consequências prejudiciais. Isso significa que, embora os mais pobres gastem menos que os grupos mais ricos (inclusive com comida), na verdade, isso representa um percentual de consumo muito mais alto, fazendo com que fiquem mais vulneráveis ao aumento do preço dos alimentos.

Gráfico 2: Consumo de alimentos e de outros produtos, Andhra Pradesh, 2009



A pesquisa questiona as percepções em relação à segurança da provisão de alimentos. Em 2009, um dentre quatro lares (25%) em Andhra Pradesh comunicou preocupação se a comida acabaria antes de terem dinheiro para comprar mais, um em dez lares (9%) respondeu que, às vezes ou frequentemente, não comiam o suficiente. A família de Kareena mora em Hyderabad e sofre com o aumento no custo de vida, com as despesas escolares e o custo do serviço de saúde. Como a mãe e o pai de Kareena foram hospitalizados no ano anterior à pesquisa, a avó explicou:

“As crianças passam fome durante o dia, até mesmo a esta hora, elas não têm comida. Eu as alimento com o que tiver. De manhã, às vezes, elas vão com fome para a escola... A mãe dela (Kareena) se preocupa com isso e isso afeta a saúde dela. Ela junta 50 e 100 rupias junto comigo, pega o dinheiro e me diz para ir à escola e pagar pelas mensalidades da crianças. Depois, ela economiza de novo e paga outra mensalidade. É assim que eles administram a situação. De um jeito ou de outro, elas têm que estudar. Hoje em dia, se as meninas não estudarem, elas não se casam. Eles perguntarão até que idade a menina estudou? O décimo ano é muito difícil para a menina, ela estuda das 8 da manhã até as 8 da noite. Além disso, ela ainda tem aulas particulares, eles estão dispostos a comer arroz grosso, pedir comida aos outros e misturar tudo com cebolas fritas e pimenta para comer. É assim que eles vivem”.

Kareena fala sobre o futuro e diz que “quer ir bem na escola” para ajudar os pais. Ela gostaria de estudar além do décimo ano, o último ano da educação obrigatória. Entretanto, ela diz: “Há problemas em casa, por isso eu vou terminar o décimo ano e depois vou pensar nos meus estudos”.

Essa situação sugere que a insegurança na provisão de alimentos afeta o bem-estar das crianças hoje e terá consequência de longo prazo no desenvolvimento físico e no bem-estar das crianças. Novamente, as políticas podem desempenhar um papel fundamental para proteger as crianças contra as consequências provocadas por choques ambientais e pela falta de alimentos. Em Andhra Pradesh, por exemplo, o programa do governo “Refeição do Meio-Dia” oferece uma refeição de 400 calorias, com 12 gramas de proteína, para crianças do 1º ao 8º ano. O programa visa aumentar o número de crianças na escola, melhorar a retenção de alunos, o comparecimento às aulas e melhorar os níveis de nutrição. As crianças do grupo mais jovem (nascidas entre 2000-01) de lares afetados pela seca de 2002-03 (a mais grave no país em duas décadas) apresentaram peso e altura abaixo da média da idade, em comparação às crianças que não foram afetadas pela seca. Entretanto, não houve diferença entre as crianças que participaram do programa “Refeição do Meio-Dia”, sugerindo que o programa protegeu as crianças contra os efeitos negativos da seca.^{vii}

OS CHOQUES PROVOCAM CONSEQUÊNCIAS DE CURTO E DE LONGO PRAZO NO DESENVOLVIMENTO E NO BEM-ESTAR DAS CRIANÇAS

Os choques e a insegurança na provisão de alimentos provoca uma série de consequências no desenvolvimento físico e cognitivo das crianças, além da percepção de bem-estar, com implicações de longo prazo nas oportunidades de vida das crianças. Esses efeitos são profundos quando as crianças são pequenas, pois é um período de desenvolvimento fundamental. A desnutrição nos primeiros anos de vidas está associada ao atrofiamento (altura inferior à média da idade), que é um indicador geralmente associado ao desempenho inferior nos testes cognitivos.^{viii}

A carência de alimentos também está associada a piores resultados para as crianças. Análises dos resultados das crianças quando tinham 15 anos mostraram que a experiência da carência de alimentos quando a criança tinha 12 anos estava associada a piores níveis de saúde, bem-estar (após o controle de vários fatores, inclusive etnia, localização e saúde do lar). As crianças que sofreram com a carência de alimentos no lar:

- tinham 60% menor probabilidade de atingir um índice de massa corporal saudável para a idade no Peru;
- obtiveram resultados mais baixos nos testes de capacidade cognitiva em Andhra Pradesh e na Etiópia^{ix};
- comunicaram níveis mais baixos de saúde no Vietnã e em Andhra Pradesh;
- comunicaram piores percepções de bem-estar na Etiópia e no Peru.



Entrevistas com as crianças e responsáveis mostram as diversas consequências dos choques nas oportunidades de vida das crianças.

Fabricio tem 9 anos e vive em uma zona rural do Peru. Ela ajuda a cuidar da fazenda da família durante a colheita de batatas. Tempestades e geadas prejudicaram a colheita nos meses anteriores à pesquisa. Fabricio ficou muito preocupado. Ele disse: “As pessoas estão tristes. Elas dizem: ‘O que vamos fazer sem a nossa colheita e se tivermos que comprar comida no mercado?’”. A mãe de Fabricio diz que enfrenta dificuldades para alimentar a família e que eles só comem arroz uma vez por semana. Embora houve a promessa de ajudar a família com comida, ela nunca chegou. A mãe de Fabricio sofre de gastrite há seis meses e não tem dinheiro para “saraar completamente”, o pai dele sofre de pneumonia bronquial. Fabricio explicou que: “Às vezes, meu pai pega gripe e tosse... Ele também sofre de dores nas costas... Ele não consegue trabalhar, meu pai praticamente só chora”. Fabricio está preocupado porque ele sente que “a geada também matou as pessoas por causa da gripe” e ele chora quando a mãe fica doente. “Com quem vou morar se você morrer?”, pergunta ele.

Na Etiópia, o depoimento de Yenealem explica a dificuldade em conciliar o trabalho e a escola, bem como a natureza precária da subsistência da família vem afetando os estudos e a saúde, ainda que ela acredite que é importante trabalhar para melhorar a renda. Yenealem tem 17 anos e mora em uma zona rural de Amhara. Ela trabalha na colheita de feijões para ajudar a família. O pai e o irmão tiveram febre tifoide e hepatite. Embora a família queira que ela estude, ela diz que “meu rendimento escolar está piorando porque fico exausta depois de colher feijões... Nossa colheita está caindo e toda a responsabilidade está nas costas da minha mãe”. Yenealem sente que, por estar cansada, ela pode ficar doente e, recentemente, se ausentou da escola por uma semana porque ficou doente. Ela sente que o futuro dela pode ser prejudicado por esses eventos: “Eu tenho que ajudar minha mãe... É minha obrigação trabalhar... Portanto, isso ameaça meus estudos no futuro”.

As preocupações das crianças e dos adolescentes com os choques ambientais e com a insegurança da provisão de alimentos também determina as aspirações futuras. Hanan tem nove anos e mora com os pais e com a irmãzinha de cinco meses em Addis Ababa, na Etiópia. Ela tem grandes ambições: “Quero ser médica. E quero cuidar de adultos e crianças... Se estudar muito e terminar meus estudos, farei com que meu sonho se transforme em realidade”. Mesmo assim, ela reclama que vêm faltando comida em casa para a família e eles tiveram que pedir dinheiro emprestado para comer. A mãe de Hanan espera que a filha realize seus sonhos: “Eu realmente quero que ela estude na universidade. Conseguirei pagar até lá”. Mas ela também diz que, primeiro, Hanan precisa de “materiais e equipamentos suficientes” para continuar na escola e teme que “se eu não der o que ela precisa, talvez ela siga um caminho ruim no futuro. É muito assustador”.

Em Andhra Pradesh, na Índia, as dificuldades enfrentadas pela família de Harika para ganhar a vida com a agricultura significam que ela quer uma vida melhor. Mas por causa das dificuldades enfrentadas no momento, ela fica imaginando se conseguirá melhorar de vida. A família de Harika pertence a uma casa de baixo status socioeconômico. O pai dela sofreu um acidente há três anos e não conseguiu trabalhar nos campos. Harika explica que: “Foi uma época em que não conseguimos cuidar dos campos de algodão e, por isso, a colheita não foi boa”. Ela ajudou a família trabalhando mais em casa e nos campos, mas perdeu aulas por causa disso. Foi difícil para ela administrar o trabalho e os estudos. Também foi difícil para ela tirar boas notas nas provas. Harika acredita que a educação abre caminhos para uma vida melhor porque: “se você estudar bastante, terá um marido estudado”. Assim, ela conseguiria não depender da agricultura: “Se você se casar com um marido que trabalha na agricultura, terá que trabalhar nos campos. Mas se tiver um marido estudado, você será feliz... Nossos pais trabalham muito e sentimos que não devia ser assim... Eles trabalham nos campos e trabalham muito duro todo dia”.

MORADIAS DE BAIXA QUALIDADE PREJUDICAM O BEM-ESTAR DAS CRIANÇAS

A insegurança de moradia afeta o desenvolvimento das crianças por causa dos choques, do aumento no preço dos alimentos e pela determinação dos espaços físicos nos quais as crianças se desenvolvem, ou seja, onde moram, estudam, trabalham, brincam, assim como o acesso aos serviços de utilidade pública (como água e saneamento), como sofrem com acidentes, lesões, violência, crime ou poluição. Essa questão é aparente nas áreas urbanas, onde praticamente metade das crianças residem. Os dados agregados ocultam grandes disparidades, nas condições de moradia e no acesso aos serviços, entre as diferentes camadas da população urbana.

O Peru, assim como outros países da América do Sul, passou por um processo de rápida urbanização. Segundo o censo nacional de 2007, 76% da população vive em áreas urbanas. Os riscos enfrentados pelas crianças em ambientes urbanos são muito diferentes dos enfrentados pelas crianças nas zonas rurais, mas são igualmente prejudiciais à saúde e ao bem-estar das crianças.

As crianças que participaram da pesquisa “Vidas dos Jovens”, no Peru, se preocupavam com a ausência de serviços públicos na cidade, tais como a iluminação nas ruas e a coleta de lixo com regularidade. No bairro de San Roman, no subúrbio da cidade montanhosa de Juliaca, Carmen, que tem 16 anos, descreve como a enchente inundou a casa quando o esgoto ficou entupido de lixo e a chuva se intensificou:

“Eu acordei à noite e minha irmã disse: ‘A rua parece um rio’, eu não acreditei nela. Como isso é possível? Ela me disse: ‘Vamos para o telhado’. Quando subimos, eu vi que minha tia estava varrendo. Corremos para o telhado e havia água por toda a parte”.

Os espaços públicos cheios de lixo e de sujeira podem fazer com que as crianças tenham vergonha do ambiente onde moram. Durante uma caminhada comunitária em San Roman, Luz, que tem 18 anos, disse aos pesquisadores de “Vidas dos Jovens” que gostaria que as ruas não fossem tão sujas e “feias”, pois faziam com que ela se sentisse mal. Da mesma maneira, Fabian, de 16 anos, explica que a coleta de lixo foi suspensa por seis meses na comunidade onde mora, em Lima. Ele ficou muito aborrecido, pois “o bairro parece muito ruim”. Ele também disse que a iluminação da rua foi instalada recentemente:

“Agora está melhor... Era muito escuro, tudo escuro. Você podia cair, qualquer coisa podia acontecer”.

As percepções de aumento da criminalidade e da insegurança, decorrentes das desigualdades socioeconômicas nos centros urbanos, são uma preocupação fundamental das crianças. Luz se preocupa com os assaltos em San Roman. Quando perguntamos se a comunidade era um bom lugar para morar, ela respondeu:

“Bem, não é muito bom. O barulho e outras coisas... Os assaltantes me assustam... Eles atacam a qualquer hora do dia ou da noite. Quando não estamos em casa, eles entram e levam tudo, deixam a casa praticamente vazia”.

Algumas crianças participantes da pesquisa “Vidas dos Jovens” estão desiludidas com o futuro. Muitas sentem que “tudo vai continuar do mesmo jeito” porque líderes políticos, como os prefeitos, não levam essas preocupações a sério. As crianças sentem-se enfraquecidas, pois sentem que não têm voz e força para garantir mudanças positivas. Esse sentimento é exemplificado por Carmen, que acha difícil questionar os adultos que não respeitam o bairro:

“Gostaria que tivesse mais verde e que (meu bairro) fosse mais limpo. As pessoas não têm consciência. Elas jogam coisas no bueiro, achando que é uma lata de lixo. Elas jogam coisas aqui. Isso me aborrece. Um dia, uma mulher... Acho que era suco de laranja, ela jogou a embalagem no bueiro. Eu não disse nada, mas acho que se eu reclamasse, eu diria ‘Qual é o seu problema? Por que você está jogando isso aí, se esse lugar não é para jogar lixo?’”



Entretanto, é importante ressaltar que nem todas as crianças comunicam experiências negativas em relação à moradia em ambientes urbanos. No Peru, Sergio e Peter, os dois têm 16 anos, gostam de morar na comunidade em San Roman. Sergio gosta de ficar com os amigos e de ter espaço para jogar futebol. Peter gosta de morar em uma das ruas “calmas”, pois consegue dormir bem e andar de bicicleta. Ele continuaria morando no bairro no futuro, desde que continue sendo calmo: “Isso é o mais importante para mim”.

Ainda que o Peru seja um país de renda média, crianças de países de renda baixa, como a Etiópia, enfrentam problemas semelhantes. Afework mora na capital, Addis Ababa. Ele disse que gosta do bairro, mas é “nojento e cheio de lixo” e ele tem “medo de lugares sujos que provocam resfriados”. Na escola, Afework diz que há lugares que ele evita “porque cheiram muito mal e nos expõe ao perigo da gripe”. No passado, ele teve febre tifoide por ter bebido água sem tratamento. Ele acredita que boas condições de saneamento são fundamentais para viver bem, assim como o respeito à família e jogar futebol.

Alguns jovens também mencionaram a preocupação com a desigualdade urbana. Denbel mora com a mãe em uma região urbanizada de Amhara, na Etiópia. O pai dele morreu há oito anos, quando Denbel tinha oito anos de idade. Denbel agora tem 16 anos e faz uma reflexão sobre melhorias positivas na comunidade: “Instalaram iluminação nas ruas. Construíram novas escolas e abriram clínicas”. Entretanto, a situação piorou para a família: “Não compramos mais grandes quantidades de comida como comprávamos antes. Agora, compramos pouco a pouco porque é muito caro”. Ele disse: “Há dias que não temos comida suficiente. Às vezes jantamos, mas não tomamos café da manhã”. Há goteiras na casa dele quando chove. Por isso, Denbel acredita que a pobreza “faz com que uma pessoa seja diferente das outras”. Ele dá exemplos de desigualdade nas roupas e na escola, pois “os pobres não aprendem direito porque estão preocupados com as necessidades básicas, em vez de se preocuparem com o aprendizado. Alguns vão parar de estudar, alguns irão trabalhar e, por isso, não levarão os estudos a sério”.

AS FAMÍLIAS PASSAM POR VÁRIOS CHOQUES QUE AFETAM A RESILIÊNCIA

Os choques geralmente não são eventos isolados na vida das crianças que crescem em situação de pobreza. Muitos lares enfrentam vários eventos adversos, seja na forma de experiências recorrentes do mesmo tipo de choque ou de vários choques diferentes. Os choques podem afetar toda a comunidade (como secas), o esgotamento os recursos do lar e dos vizinhos, ou ainda, choques idiossincráticos (tais como doenças que afetam uma residência específica). Na Etiópia, entre 2006 e 2009:

- somente a minoria dos lares pesquisados (13%) não comunicou nenhum tipo de choque ou evento adverso;
- cerca de um terço das residências (35%) comunicou um ou dois choques;
- pouco mais da metade das residências (52%) enfrentou três ou mais choques;
- uma em oito residências (13%) comunicou sete choques ou mais.

O enfrentamento de vários choques desgasta os ativos e as estratégias de enfrentamento dos lares, podendo aumentar a probabilidade das famílias permanecerem em situação de pobreza e reforçar a transmissão da pobreza entre gerações.^x Na Etiópia, os lares afetados por um choque provavelmente se tornarão mais pobres do que os lares não afetados. Por exemplo, dentre os lares que viviam acima da linha da pobreza em 2006, dois em cada cinco (39.6%) caiu abaixo da linha da pobreza em 2009. Entretanto, mais da metade (54.7%) dos lares que viviam acima da linha da pobreza em 2006 e que enfrentaram um choque ambiental, tornaram-se pobres em 2009 (esse fator era mais elevado que as chances de empobrecer nas zonas rurais, ilustrando que isso não é resultante da moradia em zonas rurais). O “Estudo de caso” I mostra como as famílias que são

afetadas por vários choques, gradualmente, perdem os ativos, ou seja, os recursos que empregam para enfrentar a situação.

Estudo de caso I: Hung, 17 anos, do Vietnã

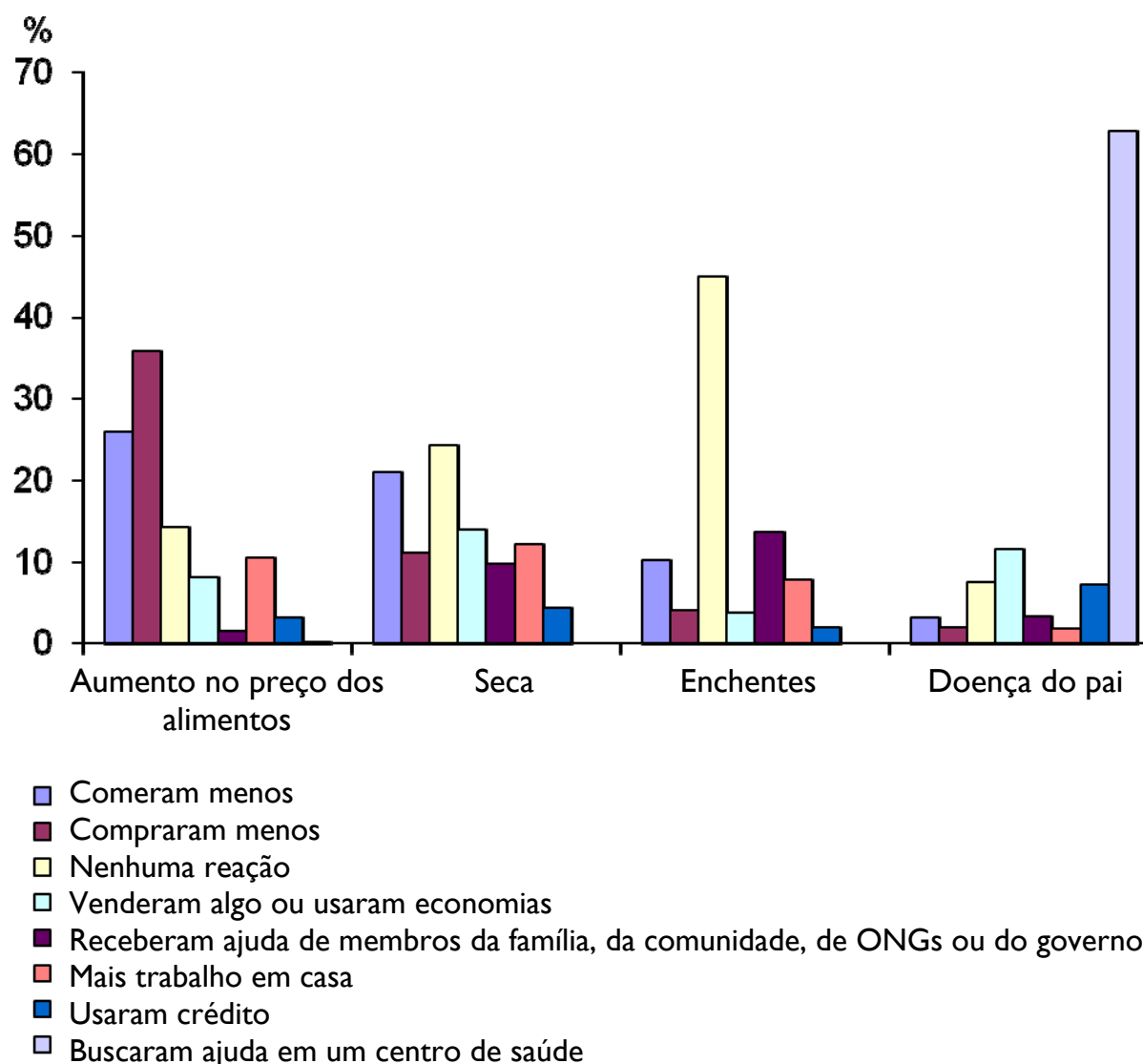
Hung tem 17 anos e mora no Rio Delta, no Vietnã. A família dele passou por vários choques ambientais. Primeiro, foi uma geada em 2006 que danificou 500 árvores ornamentais, custando à família 14 milhões de dong vietnamitas (VND). Na sequência, houve enchentes em 2008, prejudicando a colheita da laranja da família, a um custo de 40.000 VND. A mãe de Hung explicou que:

“Algumas pessoas me disseram que o governo nos ajudaria, por isso eu tentei me registrar para receber ajuda. Em seguida, eles [os líderes distritais] disseram que ajudariam no ano seguinte. Além disso, eles disseram que subsidiavam vegetais, mas não laranjas. Eles tentaram passar a responsabilidade de um para o outro. Pobre de mim! Minha família planta laranjas, não vegetais. Todas as laranjas foram danificadas por causa da enchente. Quando eles se recusaram a me ajudar, tive que voltar para casa de mãos vazias”.

Depois disso, houve a febre aftosa. Hung explicou que: “houve um mês em que a doença matou todos os nossos porcos... No primeiro dia, só três porcos morreram. Mas no segundo dia, todos morreram. Perdemos mais de 100.000 VND”. Depois disso, o irmão de Hung precisou passar por uma cirurgia, que custou mais de 30.000 VND. Hung repetiu nas provas da escola secundária e começou a trabalhar em uma empresa de construção. A mãe disse que: “Meus filhos me disseram que não tínhamos que nos preocupar mais. Eles também disseram que enquanto estivessem fortes e com saúde, eles ganhariam dinheiro. A menos que estejam fracos, tudo pode se resolver. Eles me fizeram entender que eu não precisava me preocupar porque se eles estivessem com saúde, podiam ganhar até 50.000 VND. Graças à ajuda deles, eu consegui superar as dificuldades, apesar dos prejuízos financeiros que foram muito duros para um agricultor sofrer”.

A família inteira, inclusive as crianças, teve que administrar o risco que pode acarretar em efeitos de longo prazo nas oportunidades de vida das crianças. Por exemplo, na Índia, o tempo de trabalho da criança (trabalho pago ou gratuito) aumentou em duas horas, quando o lar sofreu com a perda da fonte de renda, sendo que as meninas foram mais afetadas que os meninos.^{xi} O Gráfico 3 mostra qual foi a reação dos lares na Etiópia quando enfrentaram diferentes tipos de choque. Embora a maioria das famílias tenha comunicado que nada aconteceu, essa resposta talvez seja dada por vários motivos: é possível que os membros da família não se sintam à vontade para responder à pergunta, é possível que o choque não tenha sido severo o suficiente para que houvesse uma reação, ou ainda, a família não tinha condições de reagir ao choque.

Gráfico 3: As reações dos lares aos choques enfrentados, Etiópia



Outras reações aos choques foram: comer menos (conforme o exemplo da família de Kassaye), trabalhar mais em casa (Yenealem) e aumento do débito. Os lares dependem muito dos recursos familiares ou comunitários no enfrentamento dos choques, sendo que os lares mais pobres possuem menos conexões sociais e menos acesso ao crédito de origem formal ou informal. Os choques que afetam um grande número de pessoas – como secas ou aumento no preço dos alimentos – limitam a capacidade das famílias de pedir ajuda aos parentes. Conforme explicado pela avó de Kareena (Andhra Pradesh): “As pessoas ajudam de vez em quando, mas como terão condições de ajudar o tempo todo? Elas não têm dinheiro. Se você pedir ajuda a um parente, ele não te dará 10 rupias. É necessário enfrentar a situação sozinho. É assim que eles administram as famílias”. Além disso, as famílias estão preocupadas com as dívidas. Na zona rural de Andhra Pradesh, os membros da comunidade discutiram as reações após as enchentes que devastaram casas e colheitas. Um cuidador disse: “podemos pedir empréstimo dos senhorios quando precisamos, mas temos que trabalhar para eles até que o valor seja pago. Mas, em seguida, já estamos devendo de novo, antes que a dívida antiga seja paga”.

Uma política importante desenvolvida recentemente na Índia foi a introdução do Programa de Garantia de Emprego Rural Nacional Mahatma Gandhi (*Mahatma Gandhi National Rural Employment Guarantee Scheme, MGNREGS*). É um programa de proteção social que garante 100 dias de trabalho

ao ano, pagando o salário mínimo para cada adulto, para lares que realizem trabalho manual. Um aspecto positivo do programa é o seguro em potencial contra choques ambientais. Por exemplo, os lares afetados pela seca têm 10,7% mais probabilidade de se inscrever no MGNREGS. Da mesma maneira, os lares cujo o principal trabalho seja a agricultura têm 12,7% mais probabilidade de se inscrever no programa. A inscrição e a aceitação do trabalho estão positivamente relacionados aos impactos positivos nos níveis nutricionais infantis.^{xii} Portanto, os programas de proteção social, como o MGNREGS, têm o potencial de alcançar os três pilares de sustentabilidade – econômico, social e ambiental –, conforme exemplificado pela família de Rajesh (leia o “Estudo de caso” 2).

Estudo de caso 2: Rajesh, 16 anos, de Andhra Pradesh, na Índia

Rajesh é membro de uma das “famílias inscritas” na zona rural de Andhra Pradesh. Ele descreveu como a insegurança ambiental afetou o acesso à alimentação da família: “Tivemos alguns problemas, eles aconteceram nesse ano. Houve enchentes e os campos foram inundados. A chuva forte danificou a colheita e todas as fazendas foram muito afetadas”. Por isso, ele disse: “Fomos forçados a comprar arroz e outros produtos de fora... Cada trocado que ganhávamos, nós gastamos com arroz”.

A situação da família melhorou desde então, pois os pais se inscreveram no programa MGNREGS. Com o dinheiro que ganharam, Rajesh disse que: “Compramos roupas. Tenho dinheiro para comprar cadernos. Minha irmã está estudando na universidade e ela completará o último ano no ano que vem. Sendo assim, conseguimos mandar dinheiro para ela estudar, pois ela precisa de ajuda”. Ele acredita que a situação financeira da família melhorou “por causa dos programas do governo, que ajudam com trabalho e com o pagamento de salários”.

O ambiente comunitário também melhorou por causa do programa: “Eles cavam poços, nivelam aterros e espalham a terra com uniformidade. Os buracos foram cobertos de pedra e terra. Em seguida, os terrenos agrícolas serão preparados”.

Sendo assim, os programas de proteção social melhoram as oportunidades de vida das crianças, reduzindo a pobreza e atuando como uma plataforma de segurança quando enfrentam choques.^{xiii} O programa “Refeição do Meio-Dia” de Andhra Pradesh, mencionado anteriormente, melhorou a saúde das crianças e reduziu o risco de desnutrição. Embora esses programas sejam valiosos, eles precisam levar em consideração a situação das crianças. Por exemplo, eles devem garantir que as famílias não sejam forçadas a fazer escolhas nas quais as crianças substituam o trabalho adulto no lar, enquanto os adultos realizam o trabalho definido pelos programas. A abrangência também é um problema, pois há muitas crianças de famílias pobres em Andhra Pradesh que não estão inscritas no MGNREGS. Por fim, o desempenho dos programas de proteção social depende do contexto de operação. A pobreza crônica e a desigualdade profundamente enraizada dificultarão o funcionamento dos serviços básicos e dos programas de proteção social.^{xiv}

IMPLICAÇÕES POLÍTICAS

Este resumo de políticas explorou alguns meios pelos quais as famílias e as crianças se relacionam com o meio ambiente. Ele considerou o efeito nas crianças e nos adolescentes da ocorrência de choques ambientais e de outra natureza, das flutuações no preço dos alimentos e da moradia de má qualidade. A compreensão das perspectivas infantis e familiares é fundamental para a formulação de políticas, principalmente para alcançar os resultados da Rio +20. As discussões da conferência Rio+20 prefiguram as discussões sobre a realização dos “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio” (ODM) e sobre quais diretrizes serão implantadas até 2015. As experiências das crianças e das famílias mostram a necessidade de associar o desenvolvimento sustentável com a erradicação da pobreza. As experiências destacam três importantes lições para os legisladores:



- *A criação de um ambiente de capacitação para as crianças*

A sustentabilidade ambiental é uma preocupação urbana e rural. O desenvolvimento rural é um elemento importante do crescimento que beneficia os pobres, porém os exemplos apresentados neste documento reforçam a importância da preservação dos recursos naturais e mostram as consequências da degradação ambiental para as comunidades rurais, que geralmente vivem em situação de desvantagem em relação às comunidades urbanas. A desigualdade e a qualidade do ambiente nas áreas urbanas preocupam, cada vez mais, as crianças e os adolescentes (inclusive a falta de saneamento adequado, a poluição, a ameaça da violência e do crime, assim como a crescente desigualdade entre lares ricos e pobres).

- *A institucionalização de medidas para que os ativos beneficiem as crianças mais pobres*

Muitos países passaram por um rápido crescimento econômico nos últimos anos, ainda assim, os lares mais pobres ainda enfrentam choques regulares (principalmente os eventos ambientais e doenças). Como esses lares possuem menos recursos materiais de reserva, é mais provável que eles tenham menos condições de administrar eventos adversos. Essa situação tem o potencial de consolidar as desigualdades e reforçá-las, em vez de quebrar o ciclo da pobreza. Uma vez que os lares mais pobres gastam uma proporção maior da renda com a alimentação, correm maior risco quando há inflação do preço dos alimentos (ou seja, muitas famílias comem menos ou consomem alimentos mais baratos e menos nutritivos). As discussões da Rio+20 devem considerar estratégias que beneficiem os pobres e a sustentabilidade. As estratégias de crescimento que provocam maior desigualdade são ineficientes no alívio da pobreza e provavelmente serão ineficientes no longo prazo. Se o crescimento beneficiar muito mais as classes ricas da sociedade, ele será ineficiente na redução da pobreza, do que se os ganhos forem compartilhados de forma mais igualitária.

- *A promoção de soluções integradas para solucionar a pobreza multidimensional*

Este resumo de políticas demonstrou que as famílias geralmente sofrem de choques recorrentes e múltiplos. Os choques podem afetar toda a comunidade (como as secas), drenando os recursos dos lares e dos vizinhos, ou ainda, podem ser choques idiossincráticos (como doenças que afetam um lar específico). Em alguns dos casos mencionados, os lares que enfrentaram os dois tipos de choques – como a escassez de alimentos ou a falha na colheita – geralmente estavam associados a casos de doença no lar. Esses choques podem acarretar em várias consequências para as crianças e as famílias (por exemplo, se a perda da colheita piorar o acesso à nutrição, ou mesmo, se prejudicar a saúde ou a capacidade de trabalho ou estudo). O desenvolvimento de sistemas mais abrangentes, baseados na política social, pode oferecer uma solução eficiente para o problema. A cobertura eficiente das intervenções de proteção social pode abrandar os efeitos dos choques ambientais e de outra natureza e, por sua vez, melhorar o desempenho das crianças na escola.

AGRADECIMENTOS

Este artigo foi financiado pela Save the Children UK e redigido pela equipe de políticas da pesquisa “Vidas dos Jovens”. A iniciativa “Vidas dos Jovens” é uma pesquisa com duração de 15 anos sobre a pobreza infantil na Etiópia, na Índia, no Vietnã e no Peru. Ela acompanha a vida de 3.000 crianças de cada país. A pesquisa foi financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (*Department for International Development, DFID*) (de 2001 a 2017) e pelo Ministério de Relações Exteriores dos Países Baixos (de 2010 a 2014).

Para obter mais informações sobre esta pesquisa e sobre outras publicações do programa “Vidas dos Jovens”, visite: www.younglives.org.uk

BIBLIOGRAFIA

- ⁱ Agenda 21 da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, disponível no link: www.un.org/esa/dsd/agenda21/res_agenda21_00.shtml, acessado em 15 de maio de 2012.
- ⁱⁱ “O futuro que queremos, Zero” (*The Future We Want, Zero*) resumo dos resultados da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Rio+20, 10 de janeiro de 2012, disponível no link: www.uncsd2012.org/rio20/content/documents/370The%20Future%20We%20Want%2010Jan%20clean.pdf acessado em 15 de maio de 2012.
- ⁱⁱⁱ Entre os lares da amostra da pesquisa “Vidas dos Jovens”.
- ^{iv} O termo “cuidador” é usado porque as crianças nem sempre estão sob a responsabilidade dos pais biológicos.
- ^v Para acessar os relatórios detalhados sobre os países, visite: www.younglives.org.uk
- ^{vi} P. Dornan, *Growth, Wealth and Inequality: Evidence from Young Lives*, Artigo de Políticas da Pesquisa “Vidas dos Jovens” 5, *Young Lives*, 2011
- ^{vii} A. Singh, A. Park e S. Dercon, *School Meals as a Safety Net: An evaluation of the Midday Meal Scheme in India*, Artigo de Trabalho da Pesquisa “Vidas dos Jovens” 75, *Young Lives*, 2012
- ^{viii} D. Le Thuc, *The Effect of Early Age Stunting on Cognitive Achievement Among Children in Vietnam*, Artigo de Trabalho da Pesquisa “Vidas dos Jovens” 45, *Young Lives*, 2009; e A. Sanchez, *Early Nutrition and Cognitive Achievement in Pre-School Children in Peru*, Artigo de Trabalho da Pesquisa “Vidas dos Jovens” 57, *Young Lives*, 2009
- ^{ix} Mensuração combinada de dois testes: um teste de vocabulário receptivo ou de prontidão escolar, e um teste de matemática. Consulte K. Pells, “‘Risky Lives’: risk and protection for children growing-up in poverty”, *Development in Practice* 22, 3, 2012
- ^x A. Shepherd, *Tackling Chronic Poverty: The policy implications of research on chronic poverty and poverty dynamics*, Chronic Poverty Research Centre, 2011, disponível em: www.chronicpoverty.org/uploads/publication_files/Tackling%20chronic%20poverty%20webcopy.pdf, acessado em 15 de maio de 2012.
- ^{xi} S. Krutikova, *Determinants of Child Labour: The case of Andhra Pradesh*, Artigo de Trabalho da Pesquisa “Vidas dos Jovens” 48, *Young Lives*, 2009.
- ^{xii} V. Uppal, *Is the NREGS a Safety Net for Children? Studying the access to the National Rural Employment Guarantee Scheme for the Young Lives families and its impact on child outcomes in Andhra Pradesh*, Artigo de Estudantes da Pesquisa “Vidas dos Jovens”, *Young Lives*, 2009.
- ^{xiii} UNICEF, *Integrated Social Protection Systems: Enhancing equity for children*, UNICEF, 2012, disponível em: www.unicef.org/socialprotection/framework/files/Impacts_Annex_B_UNICEF_Social_Protection_Strategic_Framework.pdf acessado em 15 de maio de 2012; e C. Porter, com P. Dornan, *Social Protection and Children: A synthesis of evidence from Young Lives longitudinal research in Ethiopia, India and Peru*, Artigo de Políticas da Pesquisa “Vidas dos Jovens”1, *Young Lives*, 2010
- ^{xiv} UNESCO, *Overcoming Inequality: Why governance matters – EFA Global Monitoring Report 2009*, UNESCO, 2008

